

" DO OUTRO LADO DA CERCA..."

em "Hardy Boys"

Criação de Texto - HERMES LUÍS MANCILHA

Personagens:

Da Turma-Clara

Pupi
Sílvia
Zé
Pedro
Henrique

Pai da Clara

Mãe da Clara

A Professora

Da Tribo-Índio Gordo

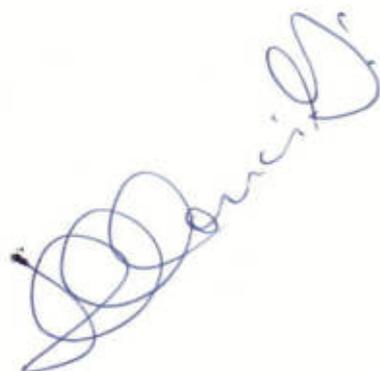
Índio Magro
Índiazinha
Índio Tucuma
Pagé
Dois convidados

Da Casa do Esquecimento-Gok

Meloso
Maria
Becão

e apresentando

Tamanduá Bandeira.



1987/1

"Do Outro lado da Cerca" e os "Hardy Boys"

CENA 1- NOITE DE VAGALUMES.

(Os atores estão deitados no palco, no chão. Produzem sons de bichos do mato. Criam com lanternas vagalumes que piscam-piscam por todo o palco. A luz é verde azulada e a lua é quarto-crescente. Noite de poucas estrelas, parece.)

Música- Pois lá na trilha
Tem um lindo sabiá
Que não se cansa
Não se cansa de cantar

(Cantam todos os atores, pisca-piscando feito vagalumes pelo palco.)

CLARA- É, lá na trilha tem
Fruta no pé.

ZÉ - E a gente leva bolachinha e picolé.

SÍLVIA- E lá na trilha tem...

PEDRO e HENRIQUE-Surpresa, surpresa
Surpresa prá vocês.

PUPI - E lá na trilha tem
Tem rio, tem ponte.

HENRIQUE-Ninho de passarinho

PEDRO - E marimbondo

ZÉ - No horizonte.

HENRIQUE-E lá na trilha tem...

SÍLVIA e CLARA-Surpresa, surpresa
Surpresa prá vocês.

ZÉ - Tem um bicho tá...

TODOS-(Interrompendo)-Surpresa, surpresa
Surpresa prá vocês.

(A música continua sem as vozes, sendo executada pelo violoncello, oboé e o piano.)

CENA 2- O PASSEIO DO TAMANDUÁ.

(Um vulto se desloca pelo palco, entre os vagalumes, devagar. É um tamanduá-bandeira; mas para o público deve ser apenas um vulto estranho. O Cello toca chorosamente. Ouve-se um tiro. O vulto do tamanduá-bandeira foge.)

Concilio

Entram um homem e uma mulher.

HOMEM- Não te disse. É sempre na mesma hora. Olha só, tres horas.

MULHER- Não era nada, eu não ví nada. Mania tua de atirar nas coisas; qualquer dia acontece algo.

HOMEM- Só estou protegendo o que é nosso.

MULHER- Ora essa. Vamos dormir. Já chega por hoje, ou vai querer acordar todos os vizinhos?

HOMEM- Amanhã vou procurar as marcas.

MULHER- Aquilo lá só tem capim, mais nada.

HOMEM- Tu vai ver. A laica até latiu. Tinha algo.

MULHER- Tudo bem, era uma raposa. Vamos dormir.

Saem.

CENAS - O AMANHECER

(Toca o sino. O galo canta. Amanhece.)

Música-

TODOS- De manhã bem cedinho
O galo cantou.

MENINOS- O que fez a clarinha?

MENINAS- Da cama pulou.

MENINOS- O que fez a Clarinha?

MENINAS- Da cama pulou.

MENINOS- De manhã bem cedinho

O galo cantou

O que fez a Patrícia?

MENINAS- O rosto lavou.

MENINOS- O que fez a Patrícia?

MENINAS- O rosto lavou.

MENINOS- De manhã bem cedinho o galo cantou.

O que fez a Sílvia?

MENINAS- O cabelo penteou.

MENINOS- O que fez a Sílvia?

MENINAS- O cabelo penteou.

MENINOS- De manhã bem cedinho, o galo cantou.

O que fez o Henrique?

MENINAS- Os dentes escovou

MENINOS- O que fez o Henrique?

MENINAS- Os dentes escovou.

MENINOS- De manhã bem cedinho, o galo cantou.

O que fez o Zé...zinho?
MENINAS-O café tomou.
MENINOS-O que fez o Zézinho?
MENINAS-O café tomou.
MENINOS-De manhã bem cedinho,o galo cantou.
O que fez o Pedrinho?
MENINAS-Prá escola andou.
MENINOS-O que fez o Pedrinho?
MENINAS- Prá escola andou.
MENINOS- O que fez toda a turma?
MENINAS- Prá escola andou.
MENINOS-Prá escola andou.

CENA 4 - Na ESCOLA.

(A professora toda a sineta.)

PROFESSORA-Fila, fila. Meninos de um lado, as meninas do outro.
PEDRO - E o Zé , onde fica?
PROFESSORA- Por que?
PEDRO - Por nada, por nada.
PROFESSORA-Cada um no seu lugar. Não se empurrem.
PEDRO - ...então , ele deu um tiro de arma.
HENRIQUE- Mas matou?
PEDRO - Não sei . Não deu tempo , parece.
HENRIQUE- Quem foi que te contou?
PEDRO - Eu ouvi a minha irmã contando hoje de manhã.
PROFESSORA-Podem permanecer em silêncio? Seu Pedro, Seu Henrique.
Para a sala! Em silêncio!

Entrem na sala.

PROFESSORA-Sentados. Silêncio! Henrique?
HENRIQUE- Presente.
PROFESSORA-Pedro?
PEDRO - Presente.
PROFESSORA-Sílvia?
SÍLVIA - Presente.
PROFESSORA- José?
ZÉ - Presente.
PUPI - Professora e eu?
PROFESSORA-Desculpe-me. Está aqui; Patrícia.
HENRIQUE- Por que ela se chama Pupi?
PUPI - O meu pai sempre me chamou assim, vem de pupila. Que fi-
ca no olho, tá. As pupilas dos olhos.

PROFESSORA-As meninas dos olhos,ela é a menina dos olhos do pai dela.

PEDRO - O pai dela nem mora com ela,se separou.

PROFESSORA-Pois bem, vamos ao tema de ontem.

PEDRO - A mãe dela é separada.

PUPI - O meu pai se separou porque a minha mãe quis.

HENRIQUE - Mentira,ele bebia muito.

PROFESSORA-Pois bem, chega de conversa.Vamos ao tema.

(As crianças mostram o caderno de tema para a professora que coloca vistos.)

PROFESSORA-Perfeito,Pedro melhora a letra.José está ótimo.

Agora,voce sabem o que são pronomes possessivos? Já estudamos os outros pronomes.Os possessivos usamos todos os dias.Alguém sabe?Não! São os que dão a idéia de posse,ou seja,o direito de ter,ser o dono.Alguém sabe algum para dar um exemplo?

ZÉ - O meu sanduíche.

PROFESSORA- Correto,Meu,é um pronome possessivo,assim como o "teu",o "seu","sua",o "vosso",o "nosso"...

Canta- Meu,teu,seu,
Nosso,vosso
seu,sua

PROFESSORA- Meu,teu,céu
Nosso,vosso
Sol,sua.

(Meu , teu,)
É fácil de aprender
É fácil,é só brincar
Assim dos possessivos vou lembrar.

PROFESSORA- Cantem.

(As crianças cantam uma vez com a professora e outra sozinhas.)

PROFESSORA- Todos já sabem,agora é só copiar no caderno a definição e os exemplos.Cada um escreve a sua definição,certo?(As crianças escrevem.Toca a sineta)Intervalo.

SÍLVIA- Professora a senhora vai para o pátio com a gente?

PROFESSORA- Tenho que telefonar,depois eu vou.

PEDRO -Oba!

PUPI - Vamos brincar de cara-careta?

ZÉ - Agora não.Vou comer a minha merenda...

HENRIQUE - Só pensa em comer,comer.

SÍLVIA - Deixa ele tá!

HENRIQUE - Não te mete,tá!

PEDRO - Eu não quero,e ainda mais ,tá faltando um.

HENRIQUE- Dois, porque o gordo não vai.

PUPI - Olha só. Fica eu e tu e ela com ele. (Aponta para Sílvia e Henrique.)

ZÉ - E eu?

PUPI - Tu disse que não queria.

ZÉ - Vocês não entenderam. Eu disse que ia comer a merenda e depois eu ia.

HENRIQUE- Não disse não.

ZÉ - É que vocês nunca deixam eu falar tudô.

PUPI - Então tá. Tu chama cara ou careta, depois tu entra prá jogar, no time que perder é claro.

ZÉ - Por mim tá bom assim.

PEDRO - Chega de papo, vamos logo.

ZÉ - Tô pronto. (Se arrumam em duas colunas, uma de costas para a outra.) O ferrolho é atrás desta linha, para os caras (Risca no chão, com o pé, uma linha imaginária.) E aqui, pros caretas. (Traça outra linha no chão.) Feito?!

PEDRO - Vamos lá então.

ZÉ - Quem é cara?

PUPI e PEDRO- Nós!

ZÉ - E os caretas, vocês. Pronto. Atenção. Aten-ção. Cara! (Fogem para o ferrolho, Pupi e Pedro. Henrique e Sílvia não pegam.)

PUPI - Não conseguiram, buuuu...

PEDRO - Nós somos os bons!

ZÉ - De novo. A-ten-ção. (Pedro se mexe.) Não vale sair do lugar. A-Ten-ção. Cara-Careta. (Ninguém se mexe.)

HENRIQUE- Vamos lá. Tô pronto.

SÍLVIA - Vamos pegar eles agora.

ZÉ - Parem um pouco. A-ten-ção ... Careta.

PEDRO - Peguei, peguei. (Pedro pega Sílvia.)

PUPI - Não consegui, ele tem as pernas muito compridas.

HENRIQUE- Duvido me pegarem.

ZÉ - A-ten-ção. Cara-Careta. (Henrique foge.) Não vale, vai ser desclassificado.

PUPI e PEDRO- Vamos ganhar.

ZÉ - Atenção... Careta. (Henrique se vira e Pedro o pega.)

PEDRO - Peguei o perna comprida.

PUPI - O pernalonga.

HENRIQUE- Porque eu me enganei, só isso. Foi sorte.

ZÉ - Agora sou eu.

SÍLVIA- Eu chamo, tá.?
PUPI - Agora ficou o gordo e o magro.
ZÉ - Vamos brincar, depois a gente... daqui a pouco bate.
SÍLVIA- Vamos lá. Henrique e Zé são os caratas, Pupi e Pedro os cara.
PEDRO - De volta a dupla PÊPÊ.
SÍLVIA- Atenção , nos seus lugares. Careta.
PUPI - Peguei, Peguei. (Pega o Zé.)
PEDRO - Ele nem se mexeu.
HENRIQUE- Mosqueou ; assim não vale.
ZÉ - Vamos outra vez. Eu não estava pronto.
PUPI - Só mais esta chance.
SÍLVIA- Tá, tá, chega de papo. A-ten-ção... Cara. (Ninguém pega.)
De novo... Careta (Pegam o Zé.)
PUPI - Peguei de novo.
HENRIQUE- Este time é mais forte, vamos trocar.
PUPI - Eu troco com o ZÉ. Agora sou careta.
ZÉ - Tudo bem eu fico...
PEDRO - Muito papo gente, muito papo. (Se dá conta da troca.)
Então a senhora destruiu a dupla PÊPÊ!
PUPI - Agora ficou PÊZÊ.
SÍLVIA- Atenção, ... Cara! (Pupi pega o Zé.)
ZÉ - Assim não vale , fica todo mundo querendo sempre me pegar.
PEDRO - Chega de reclamar. Pronto. Eu não quero mais.
SÍLVIA - Ah! Assim não vale.
PEDRO - Ah! Me lembrei de uma coisa. Vocês ouviram o tipo ontem de noite?
HENRIQUE- Foi hoje de noite.
PEDRO - Tanto faz, foi ontem e hoje.
(Entre Clara.)
CLARA - Oi pessoal.
PUPI - Toma falanda do tiro.
CLARA - Foi o meu pai que deu o tiro.
PEDRO - Mas no que é que ele atirô?
CLARA - Eu ouvi ele falando com a minha mãe que era um urso.
PEDRO para o HENRIQUE- Viu só! Um urso na casa dela.
SÍLVIA - Duvido !
ZÉ - Urso vive em floresta, na tua casa nem tem floresta.
CLARA - Mas no fundo da minha casa tem quase uma florestinha.
PUPI - Nisso eu concordo, mas ter um urso, não sei não.
PEDRO - E o teu pai matou o urso?
CLARA - Claro que não, quer dizer, nem perguntei prá ele.

Clara

PEDRO - A gente pode perguntá, melhof, a gente pode investigá.
HENRIQUE- Investiga!?(Toca a sineta.) Vamos prá aula ,isso sim.
(Toca a sineta, as gurias correm para a fila. Ficam Pedro e Henrique falando.)
PEDRO - A gente tem que investigá.
HENRIQUE- Mas nem é nossa casa.
PEDRO - E se tem um urso de verdade lá ?
HENRIQUE- O pai da Clara mata com a arma dele.
PEDRO - Mas isto é que ela não pode fazer, matar o bicho. Imagina a gente ter um urso só nosso prá brincar.
HENRIQUE- Deixa de ser bobo. E a gente ia botar ele aonde?
PEDRO - Fazemos uma casinha.
HENRIQUE- Mas um urso é grande ,tem que ser uma casona.
(Música. Pedro e Henrique saem combinando.)

CENA 5 - Volta para Casa.

PEDRO para CLARA - Clara , oque tu vai fazer hoje de tarde?
CLARA - Talvez...
HENRIQUE - Namorando ,hein!
PUPI - E tu, comprido, o que tem com isto?!
PEDRO - Não enche, tá. E tu, vai fazer o que ?
CLARA - Talvez eu saia com a minha mãe. Ela talvez vá fazer compra.
PEDRO - Ah!
CLARA - E, talvez, eu vá junto com ela. Porque?
PEDRO - Por nada. (Para o Henrique.) Vamos fazer os temas juntos? Eu te ajudo na matemática.
HENRIQUE- Pode ser. Na tua ou na minha casa?
PEDRO - Na casa da Clara.
HENRIQUE- Tu vai namorar,hein?!
PEDRO - Que nada. Vamos lá investigá o urso.
ZÉ - Que urso?
HENRIQUE- O urso da casa da Clara. O pai dela até deu um tiro nele esqueceu?
PEDRO - É isso. A gente quer ir até lá ver o urso. Amigo Zezinho faixão nosso, vai lá e pede prá clara prá nós ver o urso.
ZÉ - Eu ?
HENRIQUE- Claro. Ou tu não é nosso amigo?
ZÉ - - Eu sou mas...
PEDRO - Tá com medo!

ZÉ - Não, é que...
PEDRO - Vai lá Zézinho.
HENRIQUE- Vai lá.
ZÉ - Tá bom,tá bom.(Para clara.) Clara, o Pedro pediu prá mim
pedi prá ti,prá ti deixar ele ir na tua casa ver o urso!
PUPI - Deixa eu ir junto?
SÍLVIA- Tu já viu omurso?
CLARA - Claro que não.
ZÉ - Tu deixa ou não deixa ele ir lá?
CLARA - Vou pedir prá minha mãe.
SÍLVIA- Eu também quero ver o urso.
PUPI - Eu tenho que ir por aqui,se a tua mãe deixar tu me avisa
tá.Tchau.(Gurias se dão beijinho.Pupi sai.)
SÍLVIA- Ela vai passar lá no armazém.Coitadinha!
CLARA - Vai ver o pai dela bebendo de novo.
SÍLVIA- O pai dela saiu de casa.
PEDRO -Agora,ele vive bebado no armazém.
HENRIQUE- E tu com isso! Pelo menos ela tem pai e tu que nem tem
pai.
PEDRO - E o teu que é um gordão!
ZÉ - Assim não vai dar.Voces ficam discutindo e nem deixam a Cla
ra respondê; não tem jeito.
PEDRO - E daí Clara,dá ou não dá prá ver o urso?
CLARA - Vou pedir prá minha mãe.
(Saem todos atrás de Clara tentando convencê-la.)

CENA 6 - Casa de Clara.

CLARA-(Entrando em casa aos gritos.) - Manhê, Manhê!
Voz da Mãe- O que foi?
CLARA- Vem cá.
MÃE.(Entrando.)- O que foi,está desabando o mundo?
CLARA- O pessoal vem ver o urso.
MÃE - Que pessoal?
CLARA- A turma,ela vem ver o urso.A turma do colégio.
MÃE - Que urso?
CLARA- O que o pai atirou.
MÃE - Mas não tem urso nenhum,(tentando sair de cena.)minha
filha.
CLARA- Mas eu ouvi o pai dizer que tinha.
MÃE - Mas não tem.Ele olhou e não achou nem pagadas.

Concili.

CLARA - É ? Que pena. Ih, Mãe!
MÃE - Que foi?
CLARA - O que eu vou dizer pro pessoal quando eles chegarem prá ver o urso?Vão me chamar de mentirosa,o pai de mentiroso,todo mundo de mentiroso;vão gozar um monte.
MÃE - Calma,filha.Não vai acontecer nada.(Vai saindo de cena.)
CLARA - Mãe, o pai é mentiroso?
MÃE - Claro que não,ele falou por falar.Ele não sabia direito o que falar pois não sabia o que era,então...
CLARA - Mas se tiver um urso de verdade lá no mato?
MÃE - O teu pai já teria achado; ele teria chamado o pessoal do zoológico e eles teriam prendido o urso.
CLARA - E eles vão levar ele pro zoológico e ele vai ficar sozinho?
MÃE - Mas vai ter casa,comida e muita gente cuidando dele.
CLARA - Vai ficar enjaulado isso sim.
MÃE - Mas querida,não existe urso coisa nenhuma.Não existe urso no Brasil.(Tenta sair outra vez.)
CLARA - Manhê!
MÃE - O que é , meu Deus?
CLARA - A senhora está mentindo.Tem urso no Brasil sim.
MÃE - Não tem filha.Não teima.
CLARA - Tem sim, no zoológico.
MÃE - Mas aquele foi importado,não é brasileiro,não nascem ursos no Brasil.E agora deixa eu trabalhar que não fiz nada para o almoço até agora.
CLARA - Manhê.
MÃE - O que é?
CLARA - O que eu vou dizer pro pessoal?
MÃE - Diz a verdade.
CLARA - Que o pai mentiu? Ou que não nasce urso no Brasil?
MÃE - Não filha,que não tem urso nenhum no quintal.E se eles quiserem ir lá olhar podem ir lá olhar.Fim.
CLARA - Ah! Tá bom.(A mãe consegue sair.) Manhê.
MÃE - O que é ?
CLARA - Obrigado.O que tu vai fazer pro almoço?(Saindo de cena.)

Voz da Mãe- Ovo frito.

Voz de Clara- Ah! Eu quero ovo cozido.

(Música dos possessivos.)

CENA 7 - A Turma na Casa de Clara.

CLARA- E foi o que aconteceu; o meu pai não é mentiroso. Ele só viu uma coisa que poderia ser algo parecido com um urso, mas ele disse que não sabe o que era, ponto.

PEDRO- E ele, foi nos fundos para procurar umas pistas?

CLARA- Claro que foi. Eu até fui junto. Agorinha de meio dia.

PEDRO- Procurou direito? Acho que ele deveria procurar mais.

CLARA- Tu queria que ele ficasse a tarde inteira procurando? O meu pai não é vagal que nem o teu irmão não.

PEDRO- Ele não é vagal. Ele só está desempregado, tá! E vai cuidar do teu caderno. (Voltam a escrever o tema.)

HENRIQUE- Acho que a gente deveria ir ver as pistas.

PEDRO- Também acho.

ZÉ - E os temas?

PEDRO- Eu já fiz o meu.

HENRIQUE- Eu também. Só tu que não fez, molóide.

SÍLVIA- Não incomoda o meu irmão.

PUPI - Vamos lá dar uma olhadinha!

SÍLVIA- É, a mãe da Clara até deixou.

PEDRO- Eu já vou. Vamos Henrique. (Saem)

ZÉ - Tô com fome.

CLARA- A gente pode comer umas frutas lá nos fundos a olhar as pistas.

PUPI - Ótima idéia. (Saem todos.)
(Entram Pedro e Henrique, cada um com duas árvores com frutas e colocam em cena. Música de Uboé ou clarineta. Entra o resto da turma cada um com duas árvores também.)

CENA 8 - O Quintal da Clara.

PUPI- Tu tem uma árvore só tua?

CLARA- Tenho um passagreiro. Mas agora não tem fruta, tá ainda novinho. E tem há tempos esta goiabeira.

PEDRO- De que lado foi o tiro?

CLARA- Não sei esqueci de perguntar.

HENRIQUE- Como é que ele não acertou? Se fosse o meu pai acertava.

PEDRO- Ah! O pai do riquinho sempre é o melhor.

PUPI - Se ele acertou, tem sangue.

ZÉ (comendo uma laranja)- Com todo este sol, já secou há horas.

PEDRO- Mas deve ter umas pegadas de urso.

PUPI - Isso mesmo, vamos procurar.

HENRIQUE- (vendo um formigueiro)- Aqui tem uma pegada, olha só. Perto deste formigueiro.

Henrique

CLARA- É da minha cadala.

PUPI (para o Henrique.) É da laida.

SÍLVIA- É como é que é pegada de urso?

ZÉ - Depende do tamanho do urso.Mas se o pai da Clara viu de noite, é porque é grande.

HENRIQUE- Tão grande que ele nem acertou.

CLARA - Mas não era urso , era outra coisa.

PEDRO - Pára de falar. Procurem direito.

PUPI - Olha aqui pessoal!!!

PEDRO - Achou?

PUPI - Achei,um feijãozinho brotando,que nem na aula de ciências.

CLARA - Não pisa, deixa ele aí.

PUPI - Eu não ia fazer nada.

CLARA - Olha pessoal,eu e o pai já procuramos e não achamos,voces não vão achar nada também,vamos voltar pros temas.

PEDRO - Eu não! Vou continuar.(Se afasta)

ZÉ - Me cansei.(senta-se.)Olha só aqui!

HENRIQUE- O que foi?

ZÉ - Um risco.

HENRIQUE- Que estranho.Pedro vem cá.Ôá uma olhada.

PUPI - Um fiozinho, pode ser o rabo do urso.

ZÉ - Urso não tem rabo que raste no chão.

PEDRO - Vamos atrás.

CLARA - Ih! Acho que a gente não deve.

HENRIQUE- Se quiser ficar,pode ficar.Eu vou.

PUPI - Eu também.

SÍLVIA- Espera!

ZÉ - Tu não vai.

SÍLVIA- Tu não manda em mim.Eu sou mais velha.

ZÉ - Nós somos gêmeos,esqueceu?

SÍLVIA- Eu nasci primeiro,tá.

ZÉ -Ai que saco! (levanta e vai atrás.Começa a trilha pelo meio das árvores.Chegam na cerca.)

HENRIQUE- Era só o que faltava,uma cerca.

PEDRO - Vamos passar.

CLARA- Tamo nos afastando muito,saindo do nosso terreno.

PUPI - Como será que o urso passou?

ZÉ (empurrando uma parte da cerca.)- Por aqui ólha só.Tá quebrado.

CLARA - Tem que consertar.

PEDRO - Acabou o rastro de novo.

PUPI - Vai ver que não era nada agora.

SÍLVIA- Vamos voltar?

PEDRO -Não,vamos nos separar pera achar outra pista.

SÍLVIA- Vamos nos perder, isso sim.

PEDRO- Ora essa, é sempre assim. No início todos queriam achar o urso, agora já querem parar a coisa e tal e mais coisa. Então volta logo. Eu continuo.

ZÉ - Eu vou...

CLARA- É melhor a gente voltar.

PEDRO- Eu vou até o fim.

HENRIQUE- Lembra dos temas...

PEDRO- Eu com isto. Quem quiser ir que vá. Quem não quiser, me acompanha.

ZÉ - Eu vou...

PEDRO- Pode ir, mulherzinha...

ZÉ - Espera, eu vou contigo. Deixa eu terminar de falar.

PEDRO- Quem mais vai?

HENRIQUE- Tá, eu vou.

CLARA- Tudo bem.

SÍLVIA- Então vamos logo.
(começam a caminhar e chegam na ponte.)

PEDRO- E agora? Deve ter atravessado a ponte. (começa a atravessar.)

ZÉ - Atravessar por aí? Isso não é ponte.

HENRIQUE- Tá com medo?

ZÉ - Claro que não, só acho que o bicho não passou por aí.

PEDRO- Eu vou na frente.

PUPI- Que nada, primeiro as mulheres.

PEDRO- E, se o urso estiver escondido? Vai lutar com ele?

PUPI - Por que não?

CLARA- Acho melhor ele ir primeiro.

ZÉ - O urso não vai aparecer.

HENRIQUE- Como é que tu sabe o crânio?

ZÉ - Ele só anda de noite. Vamos passá, como sempre, serei o último. (Todos passam pela ponte, feita de tronco.)

PEDRO- Não tem nada por aqui.

PUPI - O cego, tem sim, olha só aqui.

PEDRO- Rãmm. (Faz careta prá Pupi).

SÍLVIA- Chega de brigas. E agora, o que vamos fazer?

PEDRO - O plano é se separar em duplas.

PUPI - Eu vou com o Zé.

PEDRO - A Sílvia vem comigo.

CLARA - Eu não quero ir com o Henrique.

HENRIQUE- Quer namorar com o Pedro, é?

Silvia

CLARA - Não . Eu vou com a PUPI.
ZÉ - Tudo bem, eu vou com o riquinho.
HENRIQUE- Mas não me chama assim.
ZÉ - Todo mundo me chama de gordo, e eu não reclamo...
PEDRO - Pronto, pronto, vamos logo. Tres grupos; tres direções diferentes. Eu vou prá frente.
HENRIQUE- Nós prá direita.
PUPI - Nós sobra a esquerda.
ZÉ - Contem cem passos para o seu lado, depois vire, prá frente contem mais cinquenta ...
PEDRO - Que embrulhada. A gente vai até um ponto, marca tudo até lá e volta depois prá contar se achou pista ou não.
ZÉ - Não vai dar certo. Vamos perder tempo.
PUPI - Vamos tentar.
CLARA - Isso mesmo.
(As duplas se dispersam, cada uma para o seu lado. Música da trilha.)

CENA 9 - Os Índios.

PEDRO- Vamos em frente.
SÍLVIA- Mas não tem mais pista.
PEDRO- Vamos procurar como antes. Por aqui.
SÍLVIA- Tudo bem, mais vai devagar. (Saem.)
(Henrique e Zé entrando pelo outro lado do palco.)
ZÉ - Agora tô cansado.
HENRIQUE- Já vai parar prá comer.
ZÉ - Olha só, um montão de pitanga.
HENRIQUE- Tá carregadinho, que legal! (Começa a comer.) Madurinho.
ZÉ - Pega uma prá mim, tá muito alto. (pegam várias e saem.)
(Entram Pupi e Clara pelo outro lado.)
CLARA- Que lugar mais bonito!
PUPI - Cheiroso.
CLARA- Olha só , quanta flor. Vou colher umas prá mãe.
PUPI - Prá que? Na tua casa já tem bastante flores.
CLARA- Nunca é demais flor. Flor é bom.
PUPI - Dá dor de cabeça muita flor.
CLARA- Só prá ti , prá mim não.
PUPI - Ah! Vou levar uma prá minha mãe.
(Entram os índios.)

Índio Magro- Olha só, pequena mulher branca.

Índio Gordo- Deve ter pequeno homem branco também, por perto.

Indio Magro- Como sabe?

Indio Gordo- Já fui pequeno homem e andava sempre atrás da pequena mulher. (Rí.)

Indio Magro- Ah! Bom.

Indio Gordo- Vamos pegar, depois deixamos pista pro pequeno homem branco poder seguir, aí ... pegamos ele. (Rí.)

Indio Magro- Boa idéia.

Indio Gordo- Atacar!

PUPI e CLARA- Índios... Socorro!

Indio Gordo- Calada, calada. (Pro indio magro.) Palavra horrível. Cala a boca. Pequena mulher branca te garala.

Indio Magro- Eu amarra. (Amarra os pulsos e amordaça.)

Indio Gordo- Eu faço pista com flor. Seguindo. (Saem de cena.)
(Entram por outro lado Sílvia e Pedro.)

Sílvia- Nada. Acho que devemos voltar.

PEDRO - Voltar coisa nenhuma. Tem que haver uma pista.

SÍLVIA- Aqui ó, uma carreirinha de flor.

PEDRO - Uma pista, vamos seguir.

SÍLVIA- Que droga. Que bom. Que droga, tô ficando cansada.

PEDRO - Quer ficar, pode ficar; eu continuo.

SÍLVIA- E os outros? A gente deveria voltar para a cerca.

PEDRO - Claro que não. Temos que seguir a pista.

SÍLVIA- Ora essa, e urso deixa pista de flor.

PEDRO (Se dando conta.)- Ah! Não enche. (Segue a trilha de flor e Sílvia segue atrás.)

(Som de tambores. Saem os elementos do cenário antigo e entram elementos do cenário da aldeia dos índios. PUPI e CLARA estão amarradas num totem no centro da aldeia. Entra uma indiazinha com banana num cesto e um pote com água. Tira a mordaga das duas.)

Indiazinha- É prá comê.

PUPI - Mas tem que desamarrar.

Indiazinha- Não, eu dô comida na boca.

CLARA - Que boaziqha que ela é!

PUPI - Tão nos alimentando prá nos matar, não é?

Indiazinha- Eu não pode falar nada; come. (Coloca a banana na boca de PUPI.)

CLARA - Vocês vão assar a gente?

Indiazinha- Eu não pode falar nada; come. (Bota pedaço de banana na boca de CLARA.)

PUPI - Por que não pode falar?

Indiazinha- Eu não pode falar nada; come. (Enfia a banana na boca de PUPI.)

Indiazinha- Mulher índia não faz fofóca como mulher branca. Come!
(Enfia banana na boca de CLARA.)

CLARA -Uh!

PUPI - Assim não vale.

CLARA - O meu pai vai vi...

Indiazinha- Come! (Enfia banana na boca de CLARA.)

PUPI - Responde só uma coisa...

Indiazinha- Não! Come! (Enfia banana na boca de PUPI.)

PUPI (Virando o rosto.) + Não quero mais!

Indiazinha- Então bebe água!

CLARA - Eu quero um pouco. (As duas bebem água.)

Indiazinha- Agora espera...

PUPI - O pôr do sol prá nos matar de noite?

Indiazinha- Fica amarrada boca!

CLARA - Responde!

Indiazinha- Não! Fica amarrada. Mulher branca tagarela muito, vive de fofóca, não faz bem.
(Entra índio gordo.)

Índio Gordo- Filha prá casa, não tagarela com mulher branca.
(Indiazinha sai.)

Índio Gordo- Indiazinha tagarela muito, vive de fofóca. Não faz bem.
(Pausa.) Quando chega a noite, acontece coisa. Espera sen tado, em pé cansa. (Senta-se.)

(Entram PEDRO e SILVIA pé ante pé, camuflados por arbustos.)

PEDRO - Não te disse!? As bobócas foram presas.

SILVIA - Coitadas! Amarradas e amordaçadas e e com um índio gorducho cuidando delas. Tá... e agora?

PEDRO - Temos que salvar as gurias.

SILVIA - Olha o índio tá cochilando. Se deitou!

PEDRO - Vamos esperar um pouco e depois tentar desamarrá-las.
(Breve tempo.) Agora. (Se deslocam atrás dos ramos.) Silêncio!

SILVIA - Tô fazendo.

(PEDRO tenta desamarrar. O índio acorda... pega PEDRO.)

Índio Gordo- Peguei, peguei!

PEDRO- Foge Sílvia!

(Sílvia foge.) (Entra o Pagé)

Índio Gordo- Peguei e não larguei.

Pagé - Bom, agora índio filho, teu adversário já está aí.

PEDRO- Adversário?!

Pagé - Festa, índio Tucuma precisa de outro pra correr junto.
Se ganha fica homem!

Índio Gordo- Tucuma, filho meu. (Rí orgulhoso.)

Pagé - Preparar cerimônia. Promete correr com índio Tucuma?
PEDRO - Só se vocês soltarem as gurias!
Pagé - Solta... Gu-ri-as era isca! (Rí.)
PEDRO - Espertinho, hein!?
Pagé - Dá palavra?
PEDRO - Dou.
Pagé - Solta mulher branca, lava junto outra mulher. Não pode ver competição. (Índio Gordo desamarra as duas e sai com elas da cena.) Traz índio Tucuma.
PEDRO - Vocas não vão machucar elas, vão?
Pagé - Índio feiticeiro já deu palavra.
(Entram o índio gordo e o índio Tucuma.)
Índio Gordo- Pronto filho.
Pagé - E pera convidados.
PEDRO - Vão fumar cachimbo da paz?
Pagé - Índio sempre vive em paz, fuma cachimbo de amizade. Depois da corrida.
Índio Gordo- Índio Tucuma corre muito. (Índio Tucuma sorri.)
Pagé. (Ouvindo no chão.)- Tão chegando os convidados. (Entram os convidados; dois caciques.) Benvindos. Salve!
Dois Convidados- Salve!
Índio Gordo- Agora faz corrida.
Pagé - Depois festa. Amarra fita agora nos corredor. (Amarram uma fita amarela no índio Tucuma e uma vermelha em Pedro.) Per corre caminho difícil, por aqui até grande árvore, volta, caminho difícil, antes paga outra fita, (Pro índio Tucuma.) fita cor de folha e trás junto, (Para Pedro.) paga fita cor de céu e trás prá índio. Primeiro a trazer fita... Vencedor! (O percurso da corrida deverá ser pela platéia.)
Pagé - Quem torce índio Tucuma?
Índio Gordo e Convidados- Hurra! Tucuma!
Pagé - E homem branco, ninguém?
PEDRO - Eu não preciso de torcida prá ganhar deste indiozinho!
Pagé - No ponto. Quando baixá maracá. (Tempo... Baixa maracá.) (Torcida dos índios... o vencedor é o índio Tucuma.)
Pagé - Cor da folha ganha Tucuma; Tucuma homem grande!
PEDRO - Eu cansei porque tinha muito obstáculo.
Pagé - Come muita porcaria, não sabe corrê.
(Tambor. Dançam os índios em festa.)
Música- Homem pequeno, Tucuma
Antes chamado criança
Tucuma
Hoje ganha lança
Tucuma.
(Pagé entrega lança, arco e flecha prá Tucuma. Abraços. Tucuma é saudado pelo pai-Índio Gordo-e pelos dois convidados)
PEDRO - A festa tá muito b mas tenho que ir.

Pagé - Pegar mulher branca na tenda, boa sorte!
PEDRO - O senhor não viu um urso?
Pagé - Urso? Aqui Urso?
PEDRO - Estou procurando um.
Pagé - Tem urso? Onde? Tem que usá lança busca comida prá festa e para pai gordo emãe e mais irmã e avó, muito velha. Onde urso?
PEDRO - Esquece.
Índio Tucuma- Vou caçar urso. Tucuma sabe todos caminho mata.
Índio Gordo - Filho agora deve trazer comida casa. Tucuma homem grande, caça prá alimentá família.
PEDRO - Mas tu não pode matar urso. Não é certo.
Índio Tucuma- Pode morrer de fome, Tucuma e os seus? Isso certo?!
(Pedro fica pensando. Sai índio Tucuma. Aumenta o som do tambor, Pedro sai de cena.)

CENA 10 - De Volta à Trilha.

(Entra Pedro e toda a turma.)

HENRIQUE- Como vamos fazer agora no escuro?
PEDRO - Eu sei o caminho. É só se guiar pelo, céu, pelas estrelas.
CLARA - Isso. Pelo cruzeiro do sul.
HENRIQUE- Já passamos por aqui duas vezes. Olha só a marca que eu fiz. (Mostra pedras no chão.)
CLARA - A minha mãe vai me matar.
PUPI - E a minha, não quero nem pensar.
ZÉ - Tô com fome!
PEDRO - Que drpça, todo mundo reclamando. Que saco! A culpa é de vocês duas, perdemos um tempão com aqueles índios.
PUPI - Não é culpa nossa coisa nenhuma.
ZÉ - Não adianta brigar agora.
PUPI - Tem uma luz por ali.
CLARA - Parece uma casa.
ZÉ - Que bom! Deve ter...
PEDRO - Uma lanterna prá nos emprestar e um mapaado local.
SILVIA - Então vamos lá, estamos esperando o quê?
(Saem todos; entra a faixa da casa do "Esquecimento". Tem uma luz ligada perto da porta. Voltam todos.)
PEDRO - Ô de casa! (Bate na porta.)
(Silêncio.)
PUPI - Tenta a porta.
PEDRO - Tô fechada.
CLARA - Mas tem luz lá dentro.
SILVIA - Vai ver que tem alguém lá nos fundos.
PEDRO - Eu vou lá ver.
HENRIQUE- Eu também, espera. (Vão para os fundos da casa.)

PUPI- Será que tem alguém lá dentro?
ZÉ - Se tivesse , tinha falado.
CLARA- Não vejo ninguém. Nem os guris.
SILVIA- Vamos atrás.
CLARA- Eu não vou.
ZÉ - Eu...
PUPI- Como sempre vai ficar.Eu vou contigo.
CLARA- Qualquer coisa gritá, tá?
SILVIA e PUPI- Tá bem ,eu grito.(Saem para os fundos da casa.)
(Breve Silêncio.)
CLARA- Ai,ai,ai,ai! Que será que tá acontecendo?
ZÉ - Nada.Se tivesse acontecido algo eles gritavam.
CLARA- O que?
ZÉ - Eles disseram,se acontecer algo ,a gente grita.Ouviu um grito?
CLARA- Não.
ZÉ - Pois então não aconteceu nada.
CLARA- Aconteceu alguma coisa.Quem sabe eles tão amordaçados como com os índios.
ZÉ - Será? Vamos esperar ou ver?
CLARA- Não sei.
ZÉ - Vamos...
CLARA- Já sei., esperar.
ZÉ - Deixa eu falar tudo.Que droga, nunca deixam eu terminar de falar.Vamos entrar pela porta da frente,se ela ainda estiver fechada...vamos pelos fundos.Ponto.
(Entra o Pagé.)
Pagé - Não entra.É lugar do esquecimento.
ZÉ - O que?
CLARA - Eu sabia que voces estavam no meio.
Pagé - Quem entra , esquece, modifica,vira homem pequeno pequeno ou então homem grande velho.
CLARA - O que?
ZÉ - Gente velha ou nenezinho,acho que é isso.
CLARA - Mas nossos amigos estão lá dentro.
Pagé - Se quiser, índio faz amuleto contra esquecimento.
CLARA - Queremos sim.
Pagé - Em troca dá coisa cabeça.
ZÉ :- O meu chapéu?!
Pagé - É.
CLARA - Dá logo , é para salvar os nossos amigos.
ZÉ - Salvar? Mas será que eles estão em perigo?
Pagé - Duvida?
ZÉ - Não, claro que não.(Entrega o chapéu.)

Pagé- Fecha olho os dois. (Pega as maracás e circula em volta de Zé e Clara.)
Lua minguante
Diminui elefante
Lua minguante
Diminui elefante
Fecha com certeza
Contra esquecer, só esparteza.

Pagé- Pronto. Pode entrá agora. Cuidado!
(Pagé sai. Zé e Clara entram na casa. A faxada da casa sai de cena.)

CENA 11- A Casa do Esquicimento.

(Em cena uma estante de livros, uma porta à direita e outra à esquerda. Surge Gok sobre a estante.) (Zé e Clara que entravam pé ante pé, se assustam.)

GOK - Gok, gok...

ZÉ - É um sapo?

(Surge Meloso.)

MELOSO - Me dá um beijinho!

CLARA - Ui!

ZÉ - É um bonequinho.

MELOSO - Não sou um bonequinho, sou o Meloso!

GOK - Meloso, o beijoqueiro. Gok.

ZÉ - O outro também fala.

GOK - Claro, ô bolo fofo.

CLARA - É o brabeza.

GOK - Não, o meu nome é Gok.

CLARA - Como é que é?

GOK - Gok. Gê...ô...KA, entendeu? GOK, entendeu?

ZÉ - Gork.

GOK - Não ô gordo surdo. Gok, Gok, Gok,...

(Surge o Becão.)

BECÃO - Eu sou o Becão.

GOK - O machão que briga com todo mundo.

(Surge Maria.)

MARIA - Menos comigo. Eu sou forte. Prazer. Meu nome é Maria Rosa Conceição da Silva. Parece guri, mas não sou tá, entendeu?

ZÉ - Não parece coisa nenhuma.

BECÃO - Qual é o meu, tá querendo roubar a minha namorada?!

MARIA - Não sou mais a tua namorada!

GOK - Vai começar tudo de novo.

MELOSO - Mas se tu quiser me dá um beijo, eu deixo. Me dá um beaijo?
jo?!

BECÃO - Não, sai daqui.

GOK (Para Zé e para Clara.) Não liguem, ele é meio... (Fica quer di-

zer reticências, pois é uma insinuação.)

CLARA - Ele é bonzinho, carinoso...

MELOSO - Ela gostou de mim, vai... Me dá um beijo!

CLARA - É claro que dou. (Beija o Meleso.)

MELOSO (Para Gok.) - Viu, ganhei um beijo. Quem pode ganhar.

GOK - Vou te dá um croque. Sai daqui.

MELOSO - Tu não ganha beijo nem pedindo.

GOK - Me dá um beijo! (Ordenando à Clara.) (Clara não dá.)

CLARA - Tu não sabe pedir? Tem que pedir.

GOK (não conseguindo pedir, tenta, mas continua mandando.) - Me dá um beijo ô droga!

CLARA - Não dou.

MARIA - Nem eu!

BECÃO - Mas em mim tu dá um beijo.

MARIA - Sai daqui que eu te anco de beliscão, ô seu Becão.

ZÉ - Mas em mim tu dá um beijo, não é Maria?

MARIA (Se derretendo toda.) - Clara, com todo o gosto.

BECÃO - Ô meu, te afasta da mina, ela é minha.

MARIA - Pode dar um beijo em mim fofinho. (Zé beija Maria.)

BECÃO - Mas assim não dá. Ô meu dá mais um beijo nela prá ti ver, dá!!!

ZÉ - Ô que vai acontecer?

BECÃO - Não quero nem pensar ô bolo fofo, não quero nem pensar meu.

GOK - Quero só ver, tu não é de nada.

BECÃO - Luta Karatô, não te meto.

ZÉ - Vocês não viram os nossos amigos?

TODOS - Foram prá lá. (Apontam em direções opostas.)

ZÉ - Quem é que tá mentindo?

TODOS - Ninguém tá mentindo!!!

BECÃO - Ô meu, tá pensando que eu sou mentiroso é?

MARIA - Olha, olha, olha, eu saio do sério.

MELOSO - Eu nunca minto, nunca mesmo.

GOK - Eu nem vou discutir com esses fedelhos.

CLARA - Por favor, por onde eles foram?

TODOS - Vocês não acreditam em nós. Nos chamaram de mentirosos. Fim de papo. Ponto. (Saem todos da estante e se escondem atrás dos livros.)

ZÉ - O jeito é procurar. Vou por aqui.

CLARA - E eu, por aqui.

(Palco vazio.)

VOZ DE CLARA - Zé, achou algo?

ZÉ (voz) - Achei as roupas. (Tempo) Meu Deus!

VOZ DE CLARA - Achei os dois, mas aconteceu alguma coisa.

(Voltamos dois para cena. O Zé trás Pedro e Pupi que estão muito vestidos e Clara trás as roupas de Henrique e Sílvia e dentro delas, dois nenês.)

CLARA E ZÉ - Aconteceu o que o Pagé disse.

(Pausa.)

ZÉ - E agora?

CLARA- Vamos atrás do pagé prá ver se ele resolve.

ZÉ - Mas como? Tu sabe o caminho prá tribo?

CLARA- Vamos tentar.

ZÉ - Esperem só um pouco.(sai de cena.)

CLARA- Que tu vai fazer?

PEDRO- Não chora.(Os nenêns choram.)

PUPI - As minhas pernas doem, ai,ai...

(Volta Zé com uma lanterna.)

ZÉ -Uma lanterna.Deve ter pagadas,vamos seguir até a tribo.Só espero que a lanterna não tenha esquecido de como funciona.

(Mexe na lanterna,liga. Tá boa , vamos indo.)

PEDRO- Eu tô muito cansado.(Vão saindo de cena.)

(Música.Sai a estante da casa do esquecimento.)

CENA 12- De Volta á Trilha.

(Entra o Tamanduá devagar de um lado para o outro.Amúsica acompanha as passadas.Cruza a cena e sai.Entra Índio Tucuma.)

Índio Tucuma- Pé de urso.(Fareja.)Pé de urso...diferente.

(Deita-se e escuta no chão) Urso perto,ir devagar.

(sai pé ante pé.) Surpresa,surpresa!

(Entra um formigueiro.Pio de coruja.Volta o Tamanduá.Bate no formigueiro depois enfia a sua língua.Começa a comer as formigas.Entra Índio Tucuma.)

Índio Tucuma- Ah! Te peguei.Não se mexe urso!

(Entra Zé com a turma.)

ZÉ - Ah! Te peguei.Não te mexe ô índio baixinho.

Índio Tucuma- Ih! Bastante homem branco.Pequeno e grande.

CLARA - Me contaram que o senhor queria matar o nosso urso prá...

Ué! Não é um urso,é um ...Como este bicho chama?

(Todos se olham.)

ZÉ - Claro que não é um urso, é um Tamanduá-Bandeira.

Tamanduá- Justamente,um Tamanduá-Bandeira.Prazer.

ZÉ E CLARA- Ele fala!

Índio Tucuma- Ih! Saí prá matar urso, agora é tamanduá.Se prometi urso,tem que achar urso.Não posso matar tamanduá por urso.

Tamanduá-O indiozinho ia me matar?Só porque ele quer.Sou um tamanduá respeitável.Um bandeira.Raro e de muito valor.

CLARA -Claro,não pode matar um tamanduá.Índio Tucuma ,porque não pesca peixe,planta mandioca?

Índio Tucuma-Pescá, pesca mas plantá quem faz é mulher!

ZÉ - Mas não pode matar um tamanduá.

PEDRO - Omais serrato é levar o tamanduá para o zoológico. +21-

Handwritten signature: Dancini?

PUPI - Antes que alguém o mate.

ZÉ - Mas lá ele vai ficar sozinho.

CLARA - Claro e quem decide isso é o seu Tamanduá. Não acham?

Tamanduá- Bem , ser comida de índio eu não quero, nem ir para o zoológico, quero mesmo é ficar aqui, no meu mato, comermas minha formigas...

ZÉ - A gente pode te levar lá prá casa, a gente faz uma casona.

CLARA- As nossas mães nunca iam deixar.

PUPI - Mas no zoológico será melhor.

Índio Tucuma- Tucuma não mata mais tamanduá, tamanduá come formiga, acaba com formiga. Tucuma leva tamanduá prá comer formiga que come mandioca de mãe Tucuma. Tucuma cuida tamanduá.

Tamanduá- Mas não vai haver problemas? Sabe como é. Eu não quero incomodar...

Tucuma- Não incomoda. Fica bom prá tudo.

ZÉ - É fica bom prá todos.

CLARA- Menos prá Pupi e o Pedro.

Tucuma- Tucuma encontra Pagé e Pagé faz feitiço. Vem tudo!

(Saem todos.)

CENA 13- Na Tribo.

Pagé- Agora tudo bem. Não deve entrar onde não é chamado.

PEDRO- Foi sem querer, é que a gente não sabe como voltar prá casa

Pagé- Índio Tucuma pode levar até perto casa de homem branco.

CLARA- Mas onde anda ele?

PUPI - Ele e a Sílvia foram var um lugar para ficar o tamanduá.

CLARA- Só os dois?

PUPI - O Henrique foi junto, ele não desgruda.

PEDRO- Acho que a gente deve ir embora.

Pagé- Vou chamar. (Saem.)

ZÉ - Que bom que Tucuma vai junto um pedaço.

CLARA- Do jeito que vai ele vai é morar na casa de vocês. Ficaram tão amigos de uma hora prá outra.

PUPI - Esta viagem...

(Pedro olha para Clara.)

ZÉ - Não sei porque.

PEDRO- O que tá me olhando , hein, ! Nunca me viu?

CLARA- Que criatura boa!

PEDRO- E vamos embora logo.

ZÉ - Te acalma. (Saem de cena.)

CENA 14- O Milharal.

CLARA - Ele não precisava ter entrado no milharal.

ZÉ - Ele sabe o caminho direito.

SILVIA- Bem direitinho, ele sempre andou por aqui.

PUPI. - Eu acho que ele está nos embromando por causa de alguém.

Não quero dizer quem.

SILVIA- Ai, ai!

CLARA - Eu não quero ficar perto de Henrique.

PUPI - Tu não vem me incomodar.

HENRIQUE- Que saco que vocês são!

CLARA- Vive beliscando a gente. (Risada.) O que foi isso?

ZÉ - Uma risada, ora.

CLARA- Deixa eu ficar perto de teu Pedro.

PEDRO - In!

HENRIQUE- Olha só os namoradinhos!

PEDRO - Não enche tá! (Faz par com Clara.)

SILVIA- Vem comigo Pupi. (Para o Henrique.) E tu vai ficar sozinho.

HENRIQUE- Prá mim tanto faz. Eu fico com o meu amigo Zé.

ZÉ - Não vem, ainda tô com meus ouvidos doendo de tanto choro.

Seu chorão!

(Risada.)

CLARA- O indiozinho da meia tigela, a gente não acha graça desta brincadeira besta.

Voz do Índio Tucuma- Eu não assustar vocês. É risada prá espírito do milho, tem penacho dourado. Tucuma feliz.

SILVIA- Viu, ele só está rindo de contente. E além do mais, eu não estou com medo. Ele vai bem ali na frente.

PUPI - Olha só!

SILVIA- Me deu até um presente. (Mostra uma cesta de costura.)

Disse prá mim bem assim : Guarda coisa boa dentro. Tudo.

PUPI - Que bonita, bem feitinha!

CLARA (Deixando Pedro.) - Que amor de cestinha!

HENRIQUE- Presentinho do Índio.

ZÉ - Não incomoda a minha irmã.

HENRIQUE- Olha só o novo chefe!

PEDRO - Não enche ô Henrique, guri chato!

(Risada enorme.)

CLARA (corre e abraça Pedro.) - Ui! (Pausa, se olham.) Desculpe.

PEDRO- Nada.

ZÉ - Olha só, um espantalho!

PUPI- Não sabia que índio usava espantalho no milharal.

HENRIQUE- Se todo mundo usa, por que eles não podem? Qualquer dia eles vão estar comendo cachorro-quente e olhando televisão.

ZÉ - Estes índios não, tenho certeza.

HENRIQUE- Como tu sabe?

ZÉ - Tô pensando em vir morar com eles , caçar, pescar, comer toda as frutas do mato sem ter que pedir prá ninguém, sem hora prá dormir. Que bom!! Se tem lugar prá tamanduá, tem lugar prá mim.

PUPI- Mas o tamanduá vai trabalhar, comer formiga.

CLARA- Ele juntô o útil ao agradável.

SILVIA- Claro e tu não pode ficar de vagal na tribo.

PEDRO- Estamos chegando. (Silvia sai correndo.)

SILVIA- Diz prá ele que eu não quero me despedir. (Cruza a ponte e a cerca, rapidamente.)

PUPI - Tá apaixonada!

CLARA- Claro que não, só ficou mais amiga do índio.

PEDRO- Vamos indo pro fim da linha.

ZÉ - Que caminhada!

CLARA- É o Tucuma, onde se meteu?

PUPI - Ele está por aí, escondido.

HENRIQUE- Decerto também não gosta de despedida.

PEDRO - Tô morto de cansado!

ZÉ - Eu cansei só um pouquinho. (Cruzam a ponte e chegam na cerca. Ouve-se um assovio.)

CLARA- Olha, o Tucuma!

Tucuma- Chegaram, agora ter que voltar.

HENRIQUE- Tem que procurar o urso.

Tucuma- Acho que não tem urso nenhum aqui. Mas Tucuma procurar outro bicho prá levar prá tribo comê. Tem que comê.

ZÉ - Comer, saco vazio não pára em pé.

Tucuma- Agora ir. Tucuma marca caminho prá amigos visitar Tucuma quando quiser.

PUPI - Obrigado.

CLARA - A gente vai te visitar.

Tucuma- Todos amigo de Tucuma . Adeus!

CLARA- Espera. (Olha prá Pupi.) Vamos? (Pupi concorda com a cabeça.) Já! (Dão um beijo em Tucuma. Um em cada face.)

(Tucuma fica sem jeito , depois sai correndo de volta pela ponte em direção ao milharal.)

ZÉ - Vamos nós então.
PEDRO- Simbora gente!
CLARA- Ah! A minhãmã vai me matar.
PUPI - E a minha! O que eu vou ouvir...
PEDRO- Ainda bem que a gente é homem.
ZÉ - Pior ainda. Vamos levar uma sova.

(Saem de cena. Música.)

Música- Noite, noite, noite, noite
Noite, noite, noite, noite,
No fim da linha
Uma caminha.

(Saem de cena o cenário, deixando o palco vazio.)

Voz de Pupi- Mas é verdade mãe!

Henrique- Um enorme bicho, mas era mansinho e falava.

PUPI - É a casa do esquecimento, não me lembro, mas...

ZÉ- Tinha uns bonecos que falavam, O Gok era bom...

SILVIA- E encontramos o Tucuma...

ZÉ - ...Que ficou namorando com a Sílvia.

SILVIA-...é mentira!

PEDRO-... eu não tô mentindo. Fiquei bem velho.

Voz de Henrique- Já fiz os meus temas, sim.

Mãe de Clara- Agora chega filha. Vamos dormir.

Voz de Clara- Mas tu acredita em, não é pai?

Voz do pai- Acredita filha, dorme.

(Entra a música alto.)

Música- Noite, noite, noite, noite
Fim da linha
Uma caminha.

Voz de Clara- Paiê!

Voz do Pai- O que é filha?

Voz de Clara- Me ajuda a fazer um mapa prá localizar onde o tamanduá e o Tucumamoram?

Voz do Pai- Ajudo. Dorme.

Voz de Clara- Tá. (Música de trilha.)

Música- Pois lá na trilha
Tem um lindo sibiá
Que não se cansa
Não se cansa de cantar.
Elá na trilha tem um lindo tamanduá
Que no miharel começou a trabalhar.

(Luz contra em resistência, entram os vagalumes e , por último, o tamanduá.)

FIM